



Protestantismo em Revista é licenciada  
sob uma Licença Creative Commons.

## A visitação dos magos ao menino Jesus numa perspectiva redacional comparando-se o texto bíblico canônico registrado em Mateus 2.1-14 com o texto apócrifo Evangelho Árabe da Infância

The visit of the wise men to the infant Jesus in an text perspective by comparing the biblical canonical text of Matthew 2.1-14 with the apocryphal text "Arabic Gospel for Children"

Carlos Alberto da Silva\*

### Resumo

A partir do segundo século da era cristã, muitos escritos religiosos vinculados ao cristianismo foram produzidos em idiomas diferentes e com finalidades diferentes. Esses textos ficaram conhecidos como: Evangelhos Apócrifos. Apócrifo no sentido etimológico da palavra vem do grego από κρυπτό (apo kriptō) que significa oculto, secreto, escondido.

### Palavras-chave

Magos. Apócrifos. Evangelho Árabe. Infância de Jesus.

### Abstract

From the second century of the Christian era many religious writings linked to Christianity were produced in different languages and with different purposes. These texts were known as: Apocryphal Gospels. Apocrypha in the etymological sense of the greek word από κρυπτό (apo Kripto) which means hidden, secret, hidden.

### Keywords

Wise men. Apocryphal. Arabic Gospel. Childhood of Jesus.

A partir do segundo século da era cristã, muitos escritos religiosos vinculados ao cristianismo foram produzidos em idiomas diferentes e com finalidades diferentes. Esses textos ficaram conhecidos como: Evangelhos Apócrifos. Apócrifo, no sentido etimológico da palavra, vem do grego από κρυπτό (*apo kriptō*) que significa oculto, secreto, escondido.<sup>1</sup>

Na antiguidade, este termo era utilizado para designar os livros que se destinavam, exclusivamente, ao uso privativo dos adeptos de uma seita e aos iniciados em

---

[Texto recebido em maio de 2015 e aceito em dezembro de 2015, com base na avaliação cega por pares realizada por pareceristas ad hoc]

\* Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião (UMESP). E-mail: carlosalbertosbc@uol.com.br

<sup>1</sup> ORTIZ, Pedro. *Concordância Manual y Diccionario Griego-Español Del Nuevo Testamento*. Madrid: Sociedade Bíblica, 1997.

algum mistério. Assemelhavam-se aos livros romanos conhecidos como *Sibilinos*<sup>2</sup> e o *Ius Pontificum*.<sup>3</sup>

Entre os cristãos, esse termo foi utilizado para identificar certos escritos cujo autor era desconhecido e que tratavam de temas ambíguos embora apresentassem certa sacralidade. Por esta razão, o termo *apócrifo* veio com o tempo a significar escrito suspeito de heresia ou, em geral, pouco recomendável. De acordo com Farkasfalvy,

As motivações para a produção de tais novas obras foram muitas e cada vez mais num ritmo crescente: a devoção, a satisfação da curiosidade, o apoio às necessidades doutrinárias, inovações, novas tendências, a influência de vários grupos eclesiais, alguns remanescentes em comunhão com o Cristianismo tradicional, e alguns que se retiraram da comunhão ou aparecendo em isolamento aos olhos dos outros. Disputas doutrinárias, comunidades que se dividiam e práticas aberrantes exigiu a produção de mais e mais “escritos sagrados”. Os mais importantes são aqueles escritos que tentam construir pontes entre os princípios fundamentais da tradição cristã e diferentes fluxos de movimentos filosóficos ou religiosos na sociedade helênica tardia.<sup>4</sup>

Alguns autores dividem os apócrifos do Novo Testamento em seções que, de acordo com a hermenêutica de cada autor, pode se apresentar diferentemente em

---

<sup>2</sup> “Entre as obras mais valorizadas da antiguidade, estavam os três volumes, em grego, dos livros Sibilinos. Estes eram guardados em uma arca posta em uma cripta de pedra existente sob o tempo de Júpiter Capitolino, em Roma. Profetas mulheres que faziam previsões em enigmas, as dez sibilas – Cumas, Cime, Delfos, Eritreia, Helesponto, Líbia, Pérsia, Frígia, Samos e Tibur – eram “imortais” cujas palavras, segundo acreditavam os gregos e romanos, eram dotados de profundo significado para os mortais. A princípio, havia nove rolos de profecias. A sibila de Cumas os ofereceu ao sétimo e último rei lendário de Roma, Tarquínio de Prisco (616-579 a.C). Este se recusou a comprá-los duas vezes, e, a cada recusa, a Sibila queimava três rolos. Finalmente, Tarquínio comprou os três restantes pelo preço dos nove. Foram mantidos em Roma durante séculos como “textos sagrados”, assim como os recém-criados escritos “antigos” dos judeus em Judá, mas com a importante diferença de que os Livros Sibilinos eram inacessíveis porque eram considerados sagrados demais para serem expostos. Assim como os textos das sepulturas egípcias, eles se constituíam, de fato, escritos sem leitores. Mas esse era exatamente o objetivo. Sua inacessibilidade imbuía seus detentores, a elite governante, do halo da profecia, reforçando alicerces do poder. Os três últimos rolos de papiro foram perdidos em um grande incêndio, em 83 a.C. (12 textos, os quais se julgou serem os Livros Sibilinos, foram descobertos em Bizâncio, muitos séculos depois, e então compilados em um manuscrito em pergaminho, em parte publicado em 1545)”. FISCHER, Steven R. *História da leitura*. São Paulo: UNESP, 2006. Disponível em: <[http://www.tre-rs.gov.br/arquivos/obras\\_valorizadas.pdf](http://www.tre-rs.gov.br/arquivos/obras_valorizadas.pdf)>. Acesso em: 19 abr. 2015.

<sup>3</sup> Segundo Pio Fedele, na obra *Diritto Canonico*, in ED 12 (1964). Direito Canônico é o complexo de normas que possuem sua fonte ou na vontade divina (*ius divinum*, *naturale* e *positivum*) ou na vontade da Igreja Católica (*ius humanum*), naquilo que concerne à organização e à atividade desta e dos fiéis, em relação aos fins próprios da sociedade eclesial. O Direito Canônico também é denominado *ius divinum*, *ius sacrum* e *IUS PONTIFICIUM*. Disponível em: <[http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/180477/mod\\_resource/content/1/D\\_Can\\_HSN.pdf](http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/180477/mod_resource/content/1/D_Can_HSN.pdf)>. Acesso em: 20 abr. 2015.

<sup>4</sup> FARKASFALVY, Denis. *Inspiration & interpretation: a theological introduction to Sacred Scripture*. Washington: Catholic University of America Press, 2010. p. 50.

comparação de um com o outro, mas por uma questão de fidelidade ao autor, Otero,<sup>5</sup> que utilizamos como bibliografia principal, adotamos a divisão em 4 (quatro) seções: 1) Textos fragmentados: são restos de textos apócrifos que nos deixaram as obras dos escritores eclesiásticos do primeiro século. Alguns fragmentos papiráceos que foram encontrados recentemente no Egito compõem uma coleção de escritos e ditos de Jesus que não aparecem nos evangelhos canônicos; 2) Apócrifos da Natividade: este é o Protoevangelho de Santiago e suas reescritas latinas do evangelho chamado de Pseudo Mateus e Da Natividade de Maria; 3) Apócrifos da Infância: nesta seção o autor apresenta o Pseudo Tomas grego, o Evangelho Árabe da Infância, a História de José - o carpinteiro, Evangelho Armênio da Infância, o Evangelho Latino da Infância entre outros; 4) Apócrifos da paixão, descida ao inferno e ressurreição de Cristo: Evangelho de Pedro - o qual Otero reputa como antiquíssimo, o ciclo completo ao redor de Pilatos e o Evangelho de Bartolomeu.

Nesse ensaio, analisaremos o texto Evangelho Árabe da Infância pertencente à seção dos Apócrifos da Infância numa comparação com o texto canônico registrado em Mateus no capítulo 2.1-14 que relata a visitação dos magos ao menino Jesus.

No capítulo 7 do Evangelho Árabe temos:

E eis o que aconteceu enquanto o Senhor vinha ao mundo em Belém, cidade da Judeia, no tempo do rei Herodes: magos vieram de países do Oriente a Jerusalém, tal como havia predito Zoroastro, e traziam com eles presentes, ouro, incenso e mirra, e adoraram a criança, e renderam-lhe homenagem com seus presentes. Então Maria pegou uma das faixas nas quais a criança estava envolvida e deu-a aos magos que receberam-na como uma dádiva de valor inestimável. E nesta mesma hora, apareceu-lhes um anjo sob a forma de uma estrela que já lhes havia servido de guia, e eles partiram, seguindo sua luz, até que estivessem de volta a sua pátria.

A profecia registrada em Mateus no versículo 6 faz referência ao texto do profeta Miqueias 5.2: “E tu, Belém Efrata, posto que pequena entre os milhares de Judá, de ti me sairá o que governará em Israel, e cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade”. Porém, no texto apócrifo surge a personagem Zoroastro. A profecia que no texto canônico recai sobre o profeta Miqueias<sup>6</sup> no texto apócrifo é atribuída a Zoroastro.

---

<sup>5</sup> OTERO, Aurélio de Santos. *Los Evangelios Apócrifos*: colección de textos griegos y latinos, version crítica, estudios introductorios y comentarios. Madrid: BAC, 2006.

<sup>6</sup> “Não se sabe muito sobre Miqueias, porém o impacto de suas mensagens foi de grande valor. O significado de seu nome é: “Quem é como Iahweh?” Foi contemporâneo de Isaías e seus ministérios começaram praticamente juntos, estendendo-se até o reinado de Ezequias (Jr 26.16-19). Sua mensagem profética, devido a sua origem humilde por nascer na aldeia de Moreset, foi contra os abusos socioeconômicos. A situação dos moradores da aldeia era marcada pela opressão e violência por parte dos governantes de Jerusalém. Uma situação que a seus olhos parecia a mesma de Samaria e que, por isso mesmo, merecia igual juízo de Deus (1.2-9). Miqueias, por estar com os moradores, viu de perto homens gananciosos desapropriando o pobre (2.1-9); os governantes revestidos de corrupção, praticando injustiças e enorme crueldade opressora (3.1-3,9-11) e, se não bastasse, o clero permanecia calado, temendo por suas vidas (3.5,11). Contra tudo isso é que Miqueias pronuncia palavras proféticas de

Zoroastro ou Zaratrusta foi um profeta e filósofo árabe nascido na região de Ragma, também conhecida como Ragaie ou Rai, perto de Teerã, na Pérsia, hoje Irã; fundador do zoroastrismo, viveu entre 660 e 583 a.C. Essa citação de Zoroastro no Evangelho Árabe sustenta a ideia de que os magos vieram dessa região como relatado em Mateus: Oriente.

Outra inserção que o texto apócrifo faz é o relato de Maria entregando uma das faixas que envolvia o menino Jesus aos magos em retribuição aos presentes: ouro, incenso e mirra. Os magos receberam a faixa reputando-a como uma dádiva de valor inestimável.

O capítulo 8 do Evangelho Árabe da Infância não tem paralelos no texto canônico. Neste capítulo, temos o retorno dos magos à sua terra de origem. Lá chegando, foram recebidos pelos reis e pelos príncipes que se mostraram interessados em saber o que os magos tinham visto, o que tinham feito, como se deu a ida e a volta e quem os acompanhara na viagem.

O ápice desse encontro se dá em torno da faixa que os magos receberam de Maria conforme o capítulo 7. A faixa tornou-se objeto de adoração antes de ser lançada ao fogo. Ao retirá-la do fogo, viram que o pano não apresentava vestígio, motivo pelo qual passaram a beijá-la, colocando-a sobre as cabeças e os olhos. A faixa foi depositada, então, junto de seus tesouros com grande veneração.

Os reis e os príncipes apressaram-se em se reunir em torno dos magos, perguntando-lhes o que haviam visto e o que haviam feito, como haviam ido e como haviam voltado, e que companheiros eles haviam tido então durante a viagem. Os magos mostraram-lhes a faixa que Maria lhes havia dado; em seguida, eles celebraram uma festa, acenderam o fogo segundo seus costumes, e adoraram a faixa, e a jogaram nas chamas, e as chamas envolveram-na. Ao apagar-se o fogo, eles retiraram o pano e viram que as chamas não haviam deixado sobre ele nenhum vestígio. Eles se puseram então a beijá-lo e a colocá-lo sobre suas cabeças e sobre seus olhos, dizendo: "Eis certamente a verdade! Qual é pois o preço deste objeto que o fogo não pode nem consumir nem danificar?" E pegando-o, depositaram-no com grande veneração entre seus tesouros.

O capítulo 9 do Evangelho Árabe da Infância relata, assim como os versículos 3, 13 e 14 do texto canônico de Mateus, a inquietação de Herodes acerca do local exato do nascimento do Messias e o elemento onírico, ou seja, a revelação através do sonho.

Um novo elemento aparece nessa perícopa apócrifa: "o canto do galo". O canto do galo, no texto canônico, está sempre inserido no contexto da negação de Pedro, mas no

---

condenação, alertando os governantes que, devido a essa corrupção, estavam violando os preceitos da aliança estabelecida por Iahweh". ROSSI, Luiz A. S.; ERDOS, Ivanilza B. O discurso profético de Miqueias em meio à violência e opressão e sua relevância para a atualidade. *Estudos de Religião*, v. 27, n. 2, p. 94-113, jul./dez. 2013. Disponível em <<http://www.bibliotekevirtual.org/revistas/Methodista-SP/ER/v27n02/v27n02a05.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2015.

texto apócrifo Árabe da Infância relata o momento que José se levanta para cumprir, fielmente, o que fora revelado em sonho por um anjo. Vejamos:

Herodes, vendo que os magos não retomavam a visitá-lo, reuniu os sacerdotes e os doutores e disse-lhes: "Mostrai-me onde deve nascer o Cristo". E quando responderam que era em Belém, cidade da Judeia, Herodes pôs-se a tramar, em seu espírito, o assassinato do Senhor Jesus. Então um anjo apareceu a José durante o sono e disse-lhe: "Levanta-te, pega a criança e sua mãe, e foge para o Egito". E quando o galo cantou, José levantou-se e partiu.

Segundo Vailatti, o canto do galo pode não ser o som emitido pelo galináceo, mas o som da trombeta tocada pelo soldado romano de tempos em tempos ou apenas uma referência à divisão das horas do dia.

Acontece, porém, que freqüentemente os judeus se expressavam de forma abreviada quando se referiam a essas vigílias da noite. Assim, quando encontramos [...] a palavra "tarde", esta era a expressão com a qual se referiam ao fim da primeira vigília, ou seja, 21:00h. "Meia-noite" indicava o fim da segunda vigília. "Canto do galo" era o termo usado por eles para o fim da terceira vigília, ou 3:00h da madrugada. E "de manhã" era o modo como se referiam ao fim da quarta vigília, ou 6:00h da manhã. [...] ele estava fazendo menção ao período compreendido entre as 18:00h e a meia-noite, pois entre a meia-noite e as 3:00h da madrugada, se daria, então, o "primeiro toque da trombeta" pela guarda romana, que era chamado em latim de *primum gallicinium*. E, depois, entre as 3:00h da madrugada e as 6:00h da manhã, havia o *secundum gallicinium*, ou seja, o "segundo toque da trombeta". Portanto, esse "cantar do galo" não era uma referência ao som emitido pela ave, "galo", mas sim uma alusão ao toque da trombeta, conhecido em latim como *gallicinium*.<sup>7</sup>

Podemos concluir que o texto apócrifo conhecido como Evangelho Árabe da Infância bem pouco se aproxima do texto canônico dando ênfase à adoração a uma faixa recebida de Maria. Nos capítulos 7, 8 e 9 temos o registro da visitação dos magos ao menino Jesus bem como o retorno dos magos à terra de origem. Algo novo surge nessa narrativa: 1) Zaratrusta e a previsão do nascimento do Rei dos judeus; 2) o presente dado por Maria aos magos que se transforma em objeto de adoração por parte deles e que foi guardado junto com outros tesouros; 3) o canto do galo que desperta José que foge com sua família para o Egito conforme orientação do anjo em sonho ressaltando, também, o elemento onírico.

Ao analisarmos os dois textos tanto o canônico quanto o apócrifo, levantamos hipóteses que caminham na seguinte direção: 1) Mateus quer mostrar que até os pagãos, mesmo sem acesso aos textos do Antigo Testamento (Hebraico e Septuaginta) com o

---

<sup>7</sup> VAILATTI, Carlos Augusto. *A verdade sobre o "canto do galo" no episódio da negação de Pedro*. São Paulo: Do Autor, 2011. p. 6-7.

auxílio dos astros teriam conhecimento do nascimento do messias; 2) Na tradição apócrifa, esse texto cria ligações com as práticas mântico-mágicas renovando, assim, o interesse nessa antiga tradição e prática religiosa amplamente difundida no mundo mediterrâneo; 3) Desenvolve-se uma devoção natalina popular com uso de temas folclóricos de relíquias uma vez que aqueles que levaram presentes ao menino Jesus acabaram recebendo outro em troca; um pano que envolvia a criança e que colocado no fogo não se incinerou e que posteriormente adorado e guardado entre os tesouros dos magos do Oriente; 4) O fenômeno onírico que envolve a visitação dos magos ao menino Jesus tanto no texto canônico como no texto apócrifo revelam a importância de se acreditar e decifrar sonhos, tal como registrado, por exemplo, registrado em *A Interpretação dos Sonhos* de Artemidoro de Daldis, escrito no século II da era cristã.

## Referências

FARKASFALVY, Denis. *Inspiration & interpretation: a theological introduction to Sacred Scripture*. Washington: Catholic University of America Press, 2010.

FISCHER, Steven R. *História da leitura*. São Paulo: UNESP, 2006. Disponível em: <[http://www.tre-rs.gov.br/arquivos/obras\\_valorizadas.pdf](http://www.tre-rs.gov.br/arquivos/obras_valorizadas.pdf)>. Acesso em: 19 abr. 2015.

IUS PONTIFICIUM. Disponível em: <[http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/180477/mod\\_resource/content/1/D\\_Can\\_HSN.pdf](http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/180477/mod_resource/content/1/D_Can_HSN.pdf)>. Acesso em: 20 abr. 2015.

ORTIZ, Pedro. *Concordância Manual y Diccionario Griego-Español Del Nuevo Testamento*. Madrid: Sociedade Bíblica, 1997.

OTERO, Aurélio de Santos. *Los Evangelios Apócrifos: colección de textos griegos y latinos, version crítica, estudios introductorios y comentarios*. Madrid: BAC, 2006.

ROSSI, Luiz A. S.; ERDOS, Ivanilza B. O discurso profético de Miqueias em meio à violência e opressão e sua relevância para a atualidade. *Estudos de Religião*, v. 27, n. 2, p. 94-113, jul./dez. 2013. Disponível em <<http://www.bibliotekevirtual.org/revistas/Methodista-SP/ER/v27n02/v27n02a05.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2015.

VAILATTI, Carlos Augusto. *A verdade sobre o "canto do galo" no episódio da negação de Pedro*. São Paulo: Do Autor, 2011.